

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 48-57, janeiro-junho 2018

 <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2018.1.30967>

EVANGELIZAÇÃO

A caminho de uma Igreja pública: Desafios para uma Eclesiologia atual

Towards a Public Church: Challenges for a Contemporary Ecclesiology

Bernhard Grümme*

RESUMO

O presente artigo propõe-se analisar as causas da crise atual da Igreja e oferece, ao final, algumas pistas para a ação e mudanças efetivas. Inicialmente, constata-se que dentre as múltiplas causas dessa crise estão também as próprias estruturas da Igreja, contestando a tese largamente difundida de que se trataria, na verdade, de uma crise de Deus, motivada pela secularização, e não da Igreja. Feita essa constatação, faz-se necessário, metodologicamente, perguntar que tipo de Eclesiologia faria frente a essa crise e de que recursos da Tradição se poderia dispor. A tese defendida é de que uma Eclesiologia orientada no sujeito é capaz de combinar questões estruturais e questões de Deus. Os recursos a que se recorre para fundamentar tal Eclesiologia são as doutrinas do *sensus fidei* e a da sacramentalidade da Igreja. Conclui-se explicitando as reformas necessárias que emergem dessa Eclesiologia. Essas não serão possíveis sem uma participação ativa de todos os membros da Igreja e são condição necessária para que a Igreja se torne uma Igreja pública.

Palavras-chave: Eclesiologia. Igreja pública. Sensus fidei. Subjetividade. Sacramentalidade da Igreja. Reforma.

ABSTRACT

The present article sets out to analyze the causes of the current crisis of the Church and offers, in the end, a few clues for action and effective changes. It begins by claiming that among the multiple causes of this crisis are also the very structures of the Church, thereby objecting to the widely spread thesis that it is, actually, solely about a crisis of God, predominantly motivated by secularization, and not about a crisis of the Church. Having put that premise, it is necessary to methodologically ask which kind of Ecclesiology might be in a position to face that crisis and what the resources are, within Tradition, to which one can make recourse to. The thesis put forth is that a subject-oriented Ecclesiology is able to combine both structural and God-related issues. The resources retrieved from Tradition to ground such Ecclesiology are the doctrines of *sensus fidei* and the sacramentality of the Church. Finally, I elucidate a few necessary reforms that emerge from the Ecclesiology I propose. These cannot be carried out without the active commitment of all members of the Church and are the precondition so that the Church may become a public Church.

Keywords: Ecclesiology. Public Church. Sensus fidei. Subjectivity. Sacramentality of the Church. Reform

* É Doutor em Teologia pela *Westfälischen Wilhelms-Universität Münster* e atua, atualmente, como professor titular de Pedagogia da Religião e Catequética nessa mesma instituição. <Bernhard.Gruemme@rub.de>.



INTRODUÇÃO

Em 2011, um terremoto abalou a Teologia e a Igreja alemã: mais de 300 teólogos e teólogas, predominantemente de países de língua alemã, haviam assinado um texto provocativo. Escrito com grande paixão, mas, ao mesmo tempo, objetivo e analiticamente preciso, esse texto denunciava situações complicadas da Igreja Católica Romana. Diagnosticava uma crise severa na Igreja. Os escândalos dos abusos de crianças, que, nessa época, chocavam a opinião pública e a Igreja, um crescente número de pessoas que abandonava a Igreja, uma participação sempre menor de pessoas nas liturgias, uma diminuição crescente do número de presbíteros, a falta de possibilidade de participação na Eucaristia dominical, as mudanças no cuidado pastoral devido à fusão de paróquias etc. O Memorando exigia uma reforma radical para combater essa tendência negativa cada vez mais alarmante.¹

Em diferentes campos, apelava-se para a necessidade urgente de reformas, tais como: (1) uma participação mais efetiva dos fiéis em todos os níveis eclesiais, inclusive nos processos de nomeação de bispos e presbíteros; (2) a promoção da vida comunitária, em contraposição à formação de paróquias gigantes; a possibilidade de pessoas leigas serem corresponsáveis [na vida comunitária]; a admissão tanto de homens casados ao presbiterado como de mulheres ao ministério; a superação da obrigação do celibato para os ministros ordenados; (3) a melhor proteção legal e uma cultura do Direito na Igreja, e, como primeiro passo nessa direção, uma jurisdição administrativa eclesiástica; (4) respeito à consciência pessoal, particularmente nos âmbitos das escolhas pessoais e das formas de vida individuais (aqui, merecem especial atenção recasados e casais homoafetivos); (5) reconciliação com aqueles por quem a Igreja se tornou culpada e reformas no tocante à missa para permitir maior diversidade cultural e formas atuais de expressão.

Como se esperava, esse Memorando provocou reações muito divergentes. Alguns o apreciaram como um ponto de partida necessário para conversão e reforma no espírito da Igreja *semper reformanda*. A muitos outros o Memorando era portador de uma grande provocação. Para alguns teólogos, tornou-se, inclusive, uma ameaça. O Bispo Gerhard Müller, de Ratisbona, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, iniciou um processo contra três professores em Ratisbona, até hoje não concluído. Também nos círculos teológicos houve acalorados debates. E mais: Mesmo teólogos famosos não assinaram o Memorando. Sua questão eram os debates sumários contidos no Memorando. Na sua opinião, o debate ficara muito centrado em questões estruturais. A necessidade de reforma teria sido vista apenas como dizendo respeito à forma da Igreja e à sua organização hierárquica. Potenciais ajustes estruturais, isto é, temas como o diaconado da mulher, teriam passado em branco assim como o fato de que por detrás dos problemas da Igreja estaria, especialmente, a perda da fé causada pela secularização, pelo consumismo e o hedonismo. Para estes, a crise não seria tanto uma crise da Igreja, mas, antes, uma crise da fé e uma crise de Deus.

Essa tese, no entanto, foi refutada por proeminentes signatários do Memorando. Seria um estreitamento de visão imaginar que os problemas elencados no Memorando fossem apenas uma crise de fé. A própria Igreja seria aliviada e os fiéis arcariam sozinhos com a responsabilidade. Ambas, a crise da Igreja e a crise de Deus, estariam atreladas uma à outra e mutuamente condicionadas. Essa posição obteve particular credibilidade

¹ N.T.: Há uma versão do texto do Memorando traduzida para o português disponível on-line em <<http://www.memorandum-freiheit.de/wp-content/uploads/2014/10/memorandum-portuges.pdf>>.

pelo fato de que um teólogo do prestígio de Johan Baptist Metz sublinhara enfaticamente essa conjunção, uma vez que, em sua fundamental e teologicamente situada Teologia Política, reconheceu na Modernidade Tardia uma séria crise de Deus. Crise de Deus e crise da Igreja, fé e estrutura estariam estreitamente relacionadas. Se a Igreja é, para ele, uma comunidade cujo fundamento está na memória e na narrativa, a qual traz à tona, em mística e política, aquela liberdade divina incondicionada na história e na sociedade como desejada presença salvadora para todos os seres humanos, então questões de estrutura e de Deus estão aqui unidas inseparavelmente. Fé e estrutura, mística e política não podem ser separadas, a não ser às custas da autoprivatização eclesial e autoimunização contra a crítica.

Entretanto, passou mais do que meia década desde o Memorando. Os ‘tempos de chumbo’² dos anos de Pontificado de Bento XVI passaram. Muitas coisas começaram a mover-se com o Papa Francisco, muito embora a luta desenfreada por poder e hegemonia discursiva presente, atualmente, no Vaticano e em algumas Conferências Episcopais, pareça indicar que são possíveis, antes de tudo, mudanças simbólicas de estruturas que se solidificaram ao longo de séculos. Michel Foucault certamente aplicaria com prazer sua teoria do discurso³ aos processos de comunicação intra-eclesiais. Pois, de novo, o enorme despertar desencadeado por Francisco não pode ser subestimado. Especialmente a relação entre a Igreja universal e as Igrejas locais, entre o Papa e os Bispos, sua maneira de lidar com divorciados recasados, sua maneira diferente de lidar com casais homoafetivos são um sinal para uma redefinição da relação entre consciência pessoal e instituição eclesial, com sua moral codificada.

E, no entanto, essa correlação de questões estruturais e questões de Deus a serviço de uma Igreja *semper reformanda* parece ainda peculiarmente pálida. Isso se deve, possivelmente, ao fato de que ainda haja pouca consideração dos sujeitos atuantes em seus respectivos contextos. Uma contextualização da Eclesiologia mais fortemente orientada nos sujeitos parece necessária no serviço a uma necessária reforma da Igreja: eis a tese que pretendo desenvolver a seguir.

A fim de explicitar e fundamentar essa tese, seguirei três passos: (1) Questões candentes da presente reforma necessária da Igreja na Alemanha; (2) Recursos na Tradição eclesial; (3) Desejos e perspectivas.

1 REFORMA NECESSÁRIA – QUESTÕES CANDENTES DO DEBATE DA REFORMA

Atualmente, na Alemanha, há debates em curso em diferentes campos, nos quais a necessidade de reforma da Igreja é discutida de forma parcialmente polêmica e carregada de paixões. O que é especialmente interessante é que essas discussões não acontecem de forma isolada umas das outras, mas de forma entrelaçada, o que nem sempre é facilmente reconhecível. Uma Eclesiologia contextual não pode ignorar isso. Concentro-me em três campos:

1.1 O campo intra-eclesial

No momento, um presbítero de Münster está causando sensação. O P. Frings, um sacerdote bem-querido e conhecido por suas celebrações carismáticas, por sua liderança

² Original: „Die Bleierne Zeit“ expressa tempos de poucas mudanças e transformações [N.T.].

³ Cf. p. ex. FOUCAULT, M. *L'ordre des discours*.

eclesial participativa, por sua liturgia inovativa. Um sacerdote, portanto, que leva a sério a Eclesiologia de Comunhão do Concílio Vaticano II nos termos de uma sociedade pluralista bem como secular pós-moderna. Este presbítero, que não tem mais de 50 anos, anunciou à sua comunidade, perplexa, ao final de uma celebração dominical, que ele deixaria a paróquia, no centro de Münster. Não, porém, pelas razões de tantos outros, tantos outros presbíteros bem qualificados, não por dificuldades com o celibato. Não, ele experienciara a clamorosa contradição entre a nobre aspiração eclesiológica e pastoral e a dura realidade paroquial como traição de sua missão e vocação. Ele foi para um convento e, entretantes, descreveu sua experiência e desilusão num livro fulminante. Muitos fiéis se sentiram abandonados, traídos, enquanto outros são capazes de entender seu passo. Com enorme repercussão na mídia, ele descreveu a situação como segue: Existem pessoas, diz ele, que, na sexta-feira, celebram seu casamento na Igreja e na segunda já a abandonam. Pais levam “suas crianças para a primeira comunhão e pensam consigo mesmos: ‘Faça-a.’ Eles, porém, não fazem o caminho da fé e da oração [...]. Não é de surpreender que a participação litúrgica esteja se tornando mais uma obrigação do que um prazer. Um dia, antes da primeira comunhão, eu fui perguntado por uma criança se, depois da primeira comunhão, ela deveria retornar à Igreja ou se poderia, finalmente, permanecer em casa de novo. A celebração da primeira comunhão aqui se transforma numa libertação da missa dominical para cuja participação se acabara de preparar. “Pode-se”, como concluiu o P. Thomas Frings, “ficar decepcionado ante a inutilidade da própria atuação como ministro”⁴.

A causa disso seria uma mistura de secularização, indiferença e uma estrutura de Igreja de massas, prestadora de serviços sob demanda e exigências, atendida e legitimada sem reservas pela hierarquia. Sua crítica se aplica a uma Igreja prestadora de serviços do berço ao túmulo.

O que interessa, aqui, são as consequências eclesiológicas que Frings tira desse diagnóstico. Ele está pouco a favor de uma oferta pastoral, tal como a pastoral urbana [city-pastoral é aqui um conceito técnico. N.T.], a pastoral de busca ou uma pastoral de encontro entre pessoas. Nem é a favor de uma “eventalização” ou propostas teológico-pastorais que procuram reunir pessoas no espírito de Deus, uma analogia às Jornadas Mundiais da Juventude. Não, ele fala de uma Igreja de decisões, uma Igreja que nasce de uma escolha deliberada em favor de práticas eclesiais e de conduta eclesial de vida na *martyria*, *diaconia* e *liturgia*, mas que vai para além do grupo dos batizados. Qualquer pessoa poderia vir participar, não somente os membros da Igreja. Decisiva é a vontade de, com outras pessoas, oferecer sua vida em fé, celebração, oração e busca no serviço a Deus⁵. Semelhanças com outros contextos de vida eclesial são notáveis, talvez também com o Brasil com sua impressionante tradição de vida comunitária de base. Contudo, não se pode ignorar a ênfase principal na escolha individual e livre, tal como acentuado pelas tradições ocidentais pós-modernas.

1.2 O campo intereclesial

O ano de 2017 é o ano da Reforma. Ao menos, é celebrado como tal, considerando os 500 anos passados desde a fixação das teses de Lutero na porta da igreja do castelo de Wittenberg (que, aliás, do ponto de vista histórico, se mostrou ser uma construção histórica). É um sinal de Ecumenismo que este aniversário da Reforma seja em grande

⁴ LÖBBERT, Raoul; RIETZ, Christina. *Es wird eng! Interview mit P. Thomas Frings.*, p. 1.

⁵ Cf. FRINGS, Thomas. *Aus, Amen, Ende.*

parte comemorado por ambas as igrejas. Ao proceder deste modo, passa-se a cultivar uma relação ‘de unidade [dialógica] na diversidade reconciliada’, após um longo tempo de um “Ecumenismo de perfil”, no qual distinguir-se a si mesmo da igreja irmã parecia ser o mais importante. Os tempos de um ecumenismo de retorno [à igreja-mãe] estão ultrapassados. Proximidade e distância marcam os debates atuais: diferenças em questões antropológicas e eclesiais, talvez mesmo – ao menos para alguns – em questões teológicas como a justificação, mas também grandes proximidades pelo fato de que seja comum a todas as igrejas serem contestadas numa sociedade amplamente secularizada e, além disso, devido às tarefas comuns numa sociedade de migração e frente aos problemas cada vez mais complexos da Ética no Ecumenismo, na Biologia e na sociedade. Pode ser observado em muitas igrejas locais um Ecumenismo vivido, cuja velocidade os esforços [institucionais] das grandes Igrejas não consegue acompanhar.

No que diz respeito à nossa questão eclesiológica, esse tipo de Ecumenismo é certamente relevante de maneira específica. Não somente as indizíveis discussões no contexto da declaração *Dominus Iesus* do ano de 2000, concernentes ao status eclesial das igrejas-irmãs, silenciaram, ao menos no nível da Eclesiologia e da Teologia Ecumênica. Através do caminho alternativo do diálogo ecumênico ou, mais precisamente, na sua sombra, vem sendo refletida, de modo particular, a necessidade de uma reforma intra-católica. Assim, o debate posterior à *Dominus Iesus*, parcialmente feroz, com feridas sérias para o lado protestante, levou a uma recente clarificação intra-católica do conceito de Igreja. No presente, questões relativas ao reconhecimento dos ministérios com base no já há longo tempo praticado reconhecimento do Batismo, tornou-se um caso de teste de ecumenismo – e, portanto, ao mesmo tempo, uma necessidade intrínseca de capacidade eclesiológica para a reforma⁶.

1.3 O campo sociopolítico

As interpretações mencionadas acima já manifestaram os vários campos de debates em torno de reformas eclesiológicas. O mesmo fica visível também no campo discursivo e precariamente discutido das relações entre religião e esfera pública, bem como na relação Igreja e Estado. A visita do Cardeal Reinhard Marx, presidente da Conferência Episcopal Alemã, e do presidente da Igreja Evangélica Alemã, Pastor Sinodal Heinrich Bedford-Strohm, ao Monte do Templo, em Jerusalém, causou grande repercussão. Como disseram depois, para se justificar, o fato de terem tirado seus crucifixos como símbolo da fé cristã, antes da sua visita a um dos mais importantes santuários muçulmanos, deveria servir à paz inter-religiosa. Algumas pessoas viram nesse gesto um recuo da pretensão cristã à verdade [universal] quando em confronto com outras pretensões religiosas à verdade. Esse incidente, que entrementes os dois bispos lamentaram, não deixa de ter importância sintomática para a complicada posição da religião na esfera pública, que, por sua vez, encontra-se em profunda tensão. Por um lado, a esfera pública se considera secular. Mesmo em nível de estado, ela precisa ser religiosamente neutra, embora isso não signifique ser religiosamente indiferente ou laicista. Por outro lado, diversas pretensões religiosas à verdade estão competindo na busca de atenção pública, ao lado de um crescente número de pessoas sem religião e sem fé (que se tornaram maioria sobre os membros das religiões e confissões na Alemanha).

Como as igrejas podem participar aí? Privatizadas, como um pequeno rebanho no qual os fiéis permanecem entre si, como uma instituição pública de sentido, como herdeira de

⁶ Cf. RAHNER, Johanna. Mit zunehmender Ungeduld... Die Anerkennung kirchlicher Ämter als Testfall. *Herder Korrespondenz Spezial*.

uma tradição de igreja oficial? Como em nenhum outro lugar, essa determinação precária das relações entre religião e esfera pública, bem como entre Igreja e Estado, tornou-se controversa no contexto da questão dos refugiados. A posição das lideranças de ambas as igrejas a favor dos refugiados foi apreciada como um voto pelo universalismo baseado nos direitos humanos, como, por um lado, corresponde ao espírito do Evangelho. Por outro lado, no entanto, outros viram isso como uma tentação de se apresentar como uma instância moralista, que solapa a dignidade da religião bem como a tensão entre uma ética da responsabilidade e da conscientização, tal como proposta por Max Weber nos modernos processos de diferenciação entre religião, política e moral⁷. A demanda por processos intra-eclesiais de autoclarificação é evidente neste campo da esfera pública.

2 RECURSOS

Como pode, então, uma Ecclesilogia reagir a esses desafios? A que pode recorrer, se identifica perspectivas futuras numa contextualização orientada no sujeito, que combina questões estruturais e questões de Deus? São, sobretudo, duas linhas de tradição que, no primeiro caso, colocam em jogo os aspectos subjetivos, e, no segundo, mais os aspectos estruturais: a tradição do *sensus fidei* e a tradição da sacramentalidade da Igreja.

2.1 *Sensus fidei*

Para valorizar eclesiologicamente os sujeitos, é necessário superar tanto o “integralismo doutrinal”, realizado sem os elementos da Teologia comunal e pneumatológica do Cristianismo primitivo, e fortemente hierarquizado, como o “seu correspondente monopólio de opinião”, tais como foram desenvolvidos como perfil da Igreja no curso da Contrarreforma, sob a influência da teologia de Roberto Belarmino.⁸ Foi necessário superar a diferença unilateralmente construída entre a igreja docente e a igreja discente [ouvinte], segundo a qual somente o Magistério possui a “competência de interpretar a Palavra de Deus” e, conseqüentemente, a soberania única para mediar a verdade divina, ao passo que os fiéis nada mais são que recipientes obedientes dessa autoridade doutrinal.⁹ Não somente os bispos, não somente o Papa, mas também os fiéis seriam, assim, participantes da autoridade doutrinal da Igreja. Sustentados pelo Espírito Santo, também eles teriam uma função doutrinal na Igreja. “Uma vez que toda pessoa batizada recebeu o Espírito Santo e todas são instruídas pelo Espírito (cf. 1 Jo 2,27); o sentido da fé (*sensus fidei*), por isso, é imanente a cada pessoa batizada”¹⁰.

Uma tal mudança radical de perspectiva, associada à reatualização da teologia do *sensus fidei*, foi realizada no Concílio Vaticano II.¹¹ Assim como o Concílio Vaticano II destaca o sacerdócio comum dos fiéis, assim, ele também sublinha, em LG 12, a participação de todas/os as/os crentes no ministério profético de Cristo:

O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu

⁷ Cf. JOAS, Hans. *Kirche als Moralagentur?*

⁸ WERBICK, Jürgen. *Kirche*, p. 147; cf. BÖHNKE, Michael. *Kirche in der Glaubenskrisis*, p. 35-48.

⁹ WERBICK, Jürgen. *Kirche*, p. 147

¹⁰ KASPER, Walter. *Katholische Kirche*, p. 302.

¹¹ Cf. WIEDERKEHR, Dietrich (Org.). *Der Glaubenssinn des Gottesvolkes*; WOHLMUTH, Josef. *Sensus fidei (fidelium)*. *Pastoraltheologische Informationen*, v. 22, p. 17-35.

nome (cf. Hb. 13,15). A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cfr. Jo 2, 20 e 27) não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, ‘desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis’, manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes. Com este sentido da fé, que se desperta e sustenta pela ação do Espírito de verdade, o Povo de Deus, sob a direção do sagrado magistério que fielmente acata, já não recebe simples palavra de homens mas a verdadeira palavra de Deus (cf. 1Ts 2,13), adere indefectivelmente à fé uma vez confiada aos santos (cf. Jd 3), penetra-a mais profundamente com juízo acertado e aplica-a mais totalmente na vida (LG 12).

Esse texto destaca, de forma impressionante, que a autoridade magisterial e as/os fiéis estão mutuamente relacionados. Uma vez que as/os fiéis possuem significado profético, a autoridade precisa dar-lhes ouvido. Para além do antagonismo de uma igreja docente e discente, bispos também são parte da igreja discente [ouvinte] bem como fiéis cristãos simples, parte da igreja docente¹². Essa “função magisterial” (Hilberath) das pessoas fiéis na articulação da verdade não se confunde, de maneira alguma, com pesquisas de opinião. Incute-se, assim, a determinação crítico-constitutiva da relação com outras instâncias da fé como a Escritura, a Tradição e a Teologia. Especialmente, a autoridade magisterial dos Bispos e do Papa guardam importante função na determinação e ordenamento do sentido da fé. Isso quer dizer, por um lado, que toda proclamação doutrinal deve estar preocupada, ao menos em princípio, com a compreensão da fé das pessoas fiéis. De outro lado, não se questiona o fato de que “o ministério, na Igreja, está baseado no chamado de Cristo, e não como que numa simples delegação de soberania espiritual do povo”. Como tal, tendo em conta a sua missão de ser testemunha da fé, pode o ministério, em situações limite, efetivar-se também “contra uma ‘opinião demoscópica majoritária’ do ‘sentido da fé’ dos membros da Igreja”¹³. Nesse contexto, porém, o sentido da fé [*sensus fidei*] permanece um *locus theologicus*, uma “instância de recurso para a definição do que seja a verdade da fé”¹⁴.

Karl Rahner destacava, por isso, o “significado criativo e normativo” do sentido da fé em sua referência à religião popular. A religião do povo, precisamente em razão da Teologia da Revelação, deve dizer algo de essencial e profético para a Igreja como tal e para a “teologia acadêmica”, dado que a religião popular não representa simplesmente uma “aplicação popular de uma proclamação magisterial da Igreja”¹⁵. A “prioridade que é reconhecida à religião do povo frente à Teologia deve-se [...] ao fato de que a religião do povo, sempre de novo e de forma irrefletida, é inspirada e sustentada pela Revelação original” e, “ainda incontaminada, aceita e realiza, com a dinâmica última da graça, o humano com todas as suas possibilidades”¹⁶.

Essa Teologia do *sensus fidei* contém um enorme potencial para a participação de diferentes grupos da Igreja no testemunho e busca da verdade da fé. Conforme Peter Hünermann, este *sensus fidei*, devido aos seus pressupostos antropológicos e sociológicos, deve contextualmente “expressar-se em diferentes formas [...]. Somente assim, alcançam os fiéis e os diferentes grupos de fiéis (cristãos asiáticos, africanos, latino-americanos, mulheres, pobres etc.) a sua autonomia na subjetividade da fé” e

¹²HILBERATH, Bernd Jochen. *Bei den Menschen sein: die letzte Chance für die Kirche*, p.96-97; BÖHNKE, Michael. *Kirche in der Glaubenskrise*, p. 250-251.

¹³PESCH, Otto Hermann. *Das Zweite Vatikanische Konzil*, p. 185.

¹⁴PESCH, Otto Hermann. *Das Zweite Vatikanische Konzil*, p. 183.

¹⁵RAHNER, Karl. *Zum Verhältnis von Theologie und Volksreligion*, p. 194-95.

¹⁶RAHNER, Karl. *Zum Verhältnis von Theologie und Volksreligion*, p. 191-92.

podem, como tais, serem ouvidos também pelos outros que, em virtude da verdade da fé, a eles estão vinculados.¹⁷

2.2 Sacramentalidade da Igreja

Com essa Teologia do sentido da fé, afirma-se, simultaneamente, uma Teologia que é eclesiológicamente relevante: a sacramentalidade da Igreja. Mesmo assim, faz-se necessária uma teologia sacramental adequada para rejeitar em seu núcleo a autossantificação triunfante da Igreja, tal como fora dominante até o Concílio Vaticano II. A teologia de Karl Rahner pode aqui representar uma contribuição.

Rahner assume como ponto de partida uma Teologia da vontade salvífica universal de Deus. A Teologia do povo de Deus, desenvolvida a partir daí, mostra que a Igreja não coincide com sua instituição e menos ainda com a Igreja Católica. Pois há santidade e verdade para além da Igreja, o que Rahner quer encontrar com sua teoria teológico-revelacional do cristianismo anônimo. Jesus Cristo está presente na Igreja escatologicamente. Ela é o resultado, fruto indestrutível na história, embora temporário, do evento redentor de Cristo e, ao mesmo tempo, instrumento, não fim em si mesmo, por meio do qual Deus oferece, efetivamente, salvação ao mundo. Por isso, a Igreja é símbolo real, sinal eficaz, manifestação histórica da autocomunicação de Deus que se afirma vitoriosamente. Como sacramento fundamental (*Grundsakrament*) da graça, ela torna presente no mundo a salvação divina para todas as pessoas, sem ser ela mesma já a salvação. Considerando a situacionalidade da Igreja em sentido estrito, ela é, necessariamente, sempre afetada pelas ambivalências da história, também a culpa. Isso constitui a tensão fundamental de sua natureza. A Igreja é sempre igreja de pecadores, sim ela mesma é pecadora, e, ao mesmo tempo, santa, porque santificada por Deus. Como tal, ela é capaz de assegurar eficazmente às pessoas a salvação. Neste sentido, a Igreja move-se, segundo Rahner, em sua existência peregrina, entre a salvação que lhe foi prometida e na qual está incluída e os permanentes desafios, obscurecimentos, corrupções de que é culpada, rumo à adventícia abundância divina¹⁸.

3 RUMO A UMA IGREJA PÚBLICA DISPOSTA À REFORMA: CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS

Se Eclesiologia e Igreja rememorarem essas tradições em apropriação crítica e sob as condições da modernidade tardia, isso poderá ser significativo para esforços de reforma. Uma teologia revitalizada do sentido da fé [*sensus fidei*] pode garantir aos sujeitos a importância teológica da qual sentem falta em seus contextos vitais concretos. A teologia da Igreja como sacramento fundamental valoriza, já em sua base estrutural, o seu caráter salvífico e, ao mesmo tempo, relativiza a instituição temporal, tendo em vista o Reino de Deus adveniente, do qual é instrumento. A questão crucial certamente está na referencialidade recíproca desses aspectos subjetivos e estruturais. Estes podem ser extremamente úteis para a relação acima indicada entre questões estruturais e as questões de Deus.

O fato de reconhecer as pessoas fiéis como membros do povo de Deus à luz de uma teologia do sacerdócio comum e do *sensus fidei* não permite que as estruturas permaneçam imutáveis. Pelo contrário. Esses acentos individualizantes e participativos

¹⁷HÜNERMANN, Peter. *Sensus fidei*. In: *Lexikon für Theologie und Kirche*, p. 466.

¹⁸GRÜMME, Bernhard. “*Noch ist die Träne nicht weggewischt von jeglichem Angesicht*”.

em nível estrutural encorajam os fiéis a assumir uma maior responsabilidade pessoal pela sua própria fé e sua vinculação eclesial. Uma piedade de mero bem-estar, procurando apenas consumir, não é suficiente. Johanna Rahner, uma renomada professora de Teologia Dogmática [de Tübingen] situou teologicamente essa conexão entre fé, estrutura e reforma na teologia dos ministérios. Ela vê a Eclesiologia católica ante o desafio de levar a sério os sinais dos tempos como referência para suas próprias mudanças estruturais. Com a redescoberta conciliar do sentido da fé e da “dignidade sacerdotal do inteiro povo de Deus, e com isso, da reapropriação do termo Sacerdócio Comum, há que se passar, também na Eclesiologia Católica, de uma compreensão tradicional da relação entre clero e fiéis leigos para uma compreensão de referencialidade e vinculação mútuas [...]. Ao mesmo tempo, é posta à prova a conformidade da estrutura ministerial da Igreja Católica em seu todo com os tempos atuais [...]. Ao enfatizar uma compreensão holística – orientada pelos princípios de uma ‘teoria comunicativa’ – da Revelação e da Fé, o Concílio representa uma compreensão fundamentalmente modificada do estar-juntos na Igreja (...).” Em todos os níveis eclesiais, porém, são encontradas deficiências de estruturas comunicativas, “vinculadas a implementações apenas até certo ponto bem sucedidas de estruturas jurídicas segundo princípios fundamentais como representatividade, competência decisória diferenciada e responsabilidade compartilhada e subsidiariedade. Isso não apenas significa vontade de aprender, mas também coragem para um[a] efetiv[a] [superação do] ‘antagonismo na Igreja, para um genuíno pluralismo de carismas, de tarefas e de funções’. Freios e contrapesos (*checks and balances*) é a palavra mágica da sociologia, que poderia inclusive servir para delinear a forma sociológico-estrutural concreta da Igreja e, com isso, o ser-Igreja como um todo”¹⁹.

É lógico que essas mudanças em nível eclesial e institucional precisam ser acompanhadas pela participação ativa dos fiéis. É aqui que entra a formação [*Bildung*]. Fé e formação dependem uma da outra. A fé sem formação corre o risco de se tornar cega; formação sem fé corre o risco de se tornar vazia. No entanto, é necessária uma maior conscientização de que também a reforma da Igreja precisa de formação. Neste sentido, uma fé bem formada em nível subjetivo e estrutural capacitaria a Igreja a ser eficaz para além de si mesma como uma Igreja pública [efetiva na esfera pública]²⁰. Em sua tradição e sua promessa e em seu contexto particular, deveria envolver-se ativamente nas lutas públicas por justiça, verdade e paz para todas as pessoas. Na medida em que faz isso, é uma *ecclesia semper reformanda* a caminho de sua própria verdade que lhe é dada por Deus.

REFERÊNCIAS

- BÖHNKE, Michael. *Kirche in der Glaubenskrisse: Eine pneumatologische Skizze zur Ekklesiologie und zugleich eine theologische Grundlegung des Kirchenrechts*. Freiburg im Breisgau: Herder, 2013.
- FRINGS, Thomas. *Aus, Amen, Ende*. So kann ich nicht mehr Pfarrer sein. Freiburg im Breisgau: Herder, 2017.
- GRÜMME, Bernhard. “*Noch ist die Träne nicht weggewischt von jeglichem Angesicht*”: Überlegungen zur Rede von Erlösung bei Karl Rahner und Franz Rosenzweig. Altenberge: Oros, 1996.
- HILBERATH, Bernd Jochen. *Bei den Menschen sein: die letzte Chance für die Kirche*. Ostfildern: Grünewald, 2013.

¹⁹RAHNER, Johanna. Mit zunehmender Ungeduld... Die Anerkennung kirchlicher Ämter als Testfall. *Herder Korrespondenz Spezial*, p. 31.

²⁰SCHLAG, Thomas. *Öffentliche Kirche*.

- HÜNERMANN, Peter. Sensus fidei. In: *Lexikon für Theologie und Kirche*. 3. ed. Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 2000, v. 9, p. 465-467. 11v.
- JOAS, Hans. *Kirche als Moralagentur?* München: Kösel, 2016.
- KASPER, Walter. *Katholische Kirche: Wesen – Wirklichkeit – Sendung*. 4. ed. Freiburg im Breisgau: Herder, 2011.
- KRUIP, Gerhard et al. Igreja 2011: Um ressurgimento necessário. Memorando de 240 professoras e professores universitários de teologia sobre a crise da Igreja Católica na Alemanha. Disponível em: <<http://www.memorandum-freiheit.de/wp-content/uploads/2014/10/memorandum-portuges.pdf>> Acesso em: 05/10/2017.
- LÖBBERT, Raoul; RIETZ, Christina. Es wird eng! Interview mit P. Thomas Frings. *Christ und Welt*, n. 8, 16 fev. 2017.
- PESCH, Otto Hermann. *Das Zweite Vatikanische Konzil: Vorgeschichte – Verlauf – Ergebnisse – Wirkungsgeschichte*. 4. ed. Kevelaer: Topos plus, 2012.
- RAHNER, Johanna. Mit zunehmender Ungeduld... Die Anerkennung kirchlicher Ämter als Testfall. *Herder Korrespondenz Spezial*, Freiburg im Breisgau, v. 70, n. 2, p. 29-32, 2016.
- RAHNER, Karl. Zum Verhältnis von Theologie und Volksreligion. In: *Schriften zur Theologie*. Zürich; Einsiedeln; Köln: Benziger, 1984, v. 16, p. 185-195.
- SCHLAG, Thomas. *Öffentliche Kirche: Grunddimensionen einer praktisch-theologischen Kirchentheorie*. Zürich: Theologischer Verlag Zürich, 2012.
- WERBICK, Jürgen. *Kirche: Ein ekklesiologischer Entwurf für Studium und Praxis*. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1994.
- WIEDERKEHR, Dietrich (Org.). *Der Glaubenssinn des Gottesvolkes: Konkurrent oder Partner des Lehramts?* Freiburg im Breisgau: Herder, 1994.
- WOHLMUTH, Josef. Sensus fidei (fidelium). *Pastoraltheologische Informationen*, v. 22, p. 17-35, 2002.

Recebido em: 03/06/2018

Aprovado em: 27/06/2018

Correspondência para:
Bernhard Grümme
Katholisch-Theologische Fakultät
Ruhruniversität Bochum
Universitätsstraße 150
44801 Bochum